

GEÍSA AIGER DE OLIVEIRA
GUSTAVO JAVIER ZANI NÚÑEZ
JAIRE EDERSON PASSOS

ORGANIZADORES



Des ign pes em qui sa.

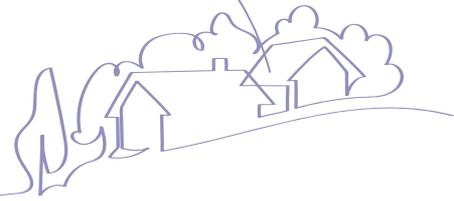
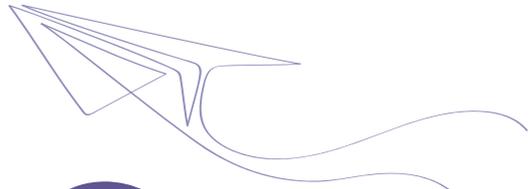


vol. 6



GEÍSA AIGER DE OLIVEIRA
GUSTAVO JAVIER ZANI NÚÑEZ
JAIRE EDERSON PASSOS

ORGANIZADORES



Design pesem qui sa.



vol. 6



D457 Design em pesquisa : volume 6 [recurso eletrônico] / organizadores Geísa Aiger de Oliveira, Gustavo Javier Zani Núñez [e] Jaire Ederson Passos. – Porto Alegre: Marcavisual, 2024.
247 p. : il. ; digital

ISBN 978-65-89263-84-5

1. Design. 2. Design de produto. 3. Sustentabilidade. 4. Inovação. 5. Design de serviços. 6. Gestão do design. 7. Tecnologia. I. Oliveira, Geísa Aiger de. II. Núñez, Gustavo Javier Zani. III. Passos, Jaire Ederson.

CDU 745.6

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

CAPÍTULO 11

Artesanato: identidade e sustentabilidade

Caroline Reichow Tuchtenhagen, Jocelise Jacques de Jacques

R e s u m o

Neste capítulo, pretendemos analisar o artesanato por meio de uma pesquisa bibliográfica, destacando sua relevância em expressar a identidade cultural de uma região, e abrangendo também os conceitos contemporâneos de sustentabilidade ambiental, social e econômica. Além disso, foi realizado um estudo de caso, sobre o artesanato produzido pela Associação Redeiras do Extremo Sul localizada em Pelotas-RS, buscando compreender os materiais e produtos criados, bem como o significado desse artesanato para a comunidade local, e a interação com designers durante o processo criativo. Destaca-se neste estudo a conexão entre a identidade e os materiais empregados na fabricação dos produtos (como redes de pesca de camarão e escamas de peixes), juntamente com a origem do local de produção e o esforço para promover a circularidade dos materiais descartados, por meio da reutilização, proporcionando benefícios econômicos para a comunidade local.

1. Introdução

Refletir sobre a produção artesanal na contemporaneidade é considerar a história do artesanato e seu significado no processo da construção humana, sobre cultura e identidade de uma sociedade. Através de técnicas artesanais que são utilizadas para produção de um produto, é possível observar o conhecimento estabelecido e transmitido de geração em geração, um “saber fazer” que evidencia as tradições e o local. O trabalho individual de cada artesão, confere valores sociais e culturais a esse produto (Krucken, 2009; Lemes, 2017).

Na contemporaneidade o artesanato é considerado “a arte do saber fazer manual” (De Sá Ferreira, 2007, p. 33), uma atividade econômica com grande potencial e um forte instrumento para valorizar e recuperar a identidade cultural regional. Essa identidade cultural, se dá pelo conhecimento das técnicas que são passadas de geração em geração, criando uma forte ligação com o

meio, o local e o tempo (Krucken, 2012), por isto identifica-se a ligação da produção artesanal à sustentabilidade social e cultural, além de alguns trabalhos terem forte apelo às questões ambientais.

Desde as décadas de 1970 e 1980 designers buscam por uma interação com artesãos e artesãs com o intuito de resgatar e aprimorar as técnicas artesanais, desenvolvendo produtos que representem o local e a cultura de quem os produzem, sem interferir no contexto ou desfigurar a produção local (Gáti, 2014; Serafim, 2015; Kubrusly; Imbroisi, 2011). Dessa maneira, podemos observar uma conexão cada vez maior entre o design e artesanato, sendo reconhecido como uma maneira de conservar e enaltecer a produção artesanal local, sua identidade e cultura regional (Krucken, 2009).

Além das questões de identidade e sustentabilidade, neste capítulo será abordado como um estudo de caso o artesanato desenvolvido por um grupo de artesãs chamado Redeiras, que moram na Colônia Z3, uma comunidade de pescadores da cidade de Pelotas, região sul do Rio Grande do Sul. Estas artesãs trabalham com escamas de peixe e reutilização de redes de pesca de camarão e que tiveram uma relação direta com designers para o desenvolvimento de suas coleções, além de produzirem produtos exclusivos sob encomenda para outros designers.

2. Artesanato e identidade

O objeto artesanal, feito com as mãos, apresenta impressões digitais, assinatura do artesão, que não é possível ver, mas podemos apalpá-las (Paz, 1991). Essa identidade revelada através do artefato artesanal, nos permite conhecer a cultura e identidade de um determinado local, pois materializa expressões de indivíduos e de grupos. Segundo Borges, (2011, p. 217) “o artesanato é um dos meios mais importantes de representação da identidade de um povo. Através dele, não só os materiais e as técnicas, mas também os valores coletivos são fortemente representados”.

A particularidade de técnicas e matérias-primas que compõem o artesanato é uma forma de expressar a identidade de um local, de uma comunidade e até mesmo de uma etnia. Os trançados do cipó e fibra de taquaras para a confecção de cestaria (Figura 1), bem como o uso do barro, porongo, osso e couro para confecção de utensílios domésticos, são um exemplo de identidade cultural indígena. Assim como a tecelagem, o tricô e bordado (Figura 2), são técnicas características dos imigrantes europeus.

Figura 1 – Artesanato da ASSINDI – Associação Indigenista Assindi Maringá



Fonte: ArteSol. Disponível em: <https://artcsol.org.br/assindi>.

Figura 2 – Artesanato da Associação Barralouguense de Bordadeiras e Artesãos



Fonte: ArteSol. Disponível em: <https://artcsol.org.br/barralouguense>.

Pelo fato de o artesanato estar fortemente ligado às manifestações culturais que estão relacionadas ao território e à comunidade que os gerou, o produto confeccionado por essa comunidade local se torna único, pois o modo de produção é característico daquele território. Segundo Krucken (2009), os produtos locais envolvem recursos da biodiversidade, formas tradicionais de produção, costumes locais, entre outros aspectos, estes que são tecidos ao longo do tempo, resultam em produtos característicos daquele território.

Um, entre vários exemplos, da contribuição do artesanato para a identidade local é o artesanato desenvolvido utilizando como matéria-prima o couro. No estado do Rio Grande do Sul o trabalho com o couro é característico e vinculado com a lida do campo, herança deixada por espanhóis e portugueses com o cuidado do gado e o manuseio da pele do animal, também mesclado com saberes indígenas. O artesanato desenvolvido com este material utiliza principalmente a técnica de guasquearia (Figura 3), que é o trabalho em couro cru em tiras, os artefatos feitos com esta técnica são: bainhas para facas, boleadeiras, acessórios para encilhar cavalos entre outros (Oliveira, 2015).

Figura 3 – Técnica de Guasquearia



Fonte: Diário Gaúcho. Disponível em: <https://diariogaucho.clicrbs.com.br/dia-a-dia/noticia/2019/02/conheca-o-guasqueiro-profissional-que-produz-artigos-em-couro-10697794.html>.

Já nos estados do Nordeste o artesanato desenvolvido em couro caracteriza a tradição dos vaqueiros, tropeiros e ciganos, e é utilizado principalmente para a confecção de mobiliário, roupas, acessórios diversos e calçados (Figura 4) (Favilla; Barreto; Rezende, 2016). Ambas as regiões utilizam o mesmo material, mas possuem técnicas e características bem distintas para o desenvolvimento de seu artesanato, permitindo que os artefatos desenvolvidos representem a seu local, criando e valorizando a sua identidade.

Figura 4 – Artesanato desenvolvido pelo Mestre Espedito Seleiro

Fonte: Rede ArteSol. Disponível em: <https://redeartesol.org.br/rede/mestre-espedito-seleiro/>.

Para Krucken (2012, p.24), “o artesanato, justamente, constitui-se como produto de conhecimento e de um saber fazer (processo) localizado em um lugar.” Isso evidencia os conhecimentos plurais, o território e as tradições de um determinado local, destaca o valor cultural e simbólico de cada região. O artesanato, diferente da arte pode ser um objeto belo e útil, que não dura para sempre, pode ser substituído por outro semelhante, não idêntico, que para Paz ele “tem o ritmo do tempo humano” (Paz, 1991, p.57) e assim traz sempre consigo a representação da cultura de um determinado local (Krucken, 2012).

3. Artesanato e sustentabilidade

Além da identidade local que é revelada através do artesanato, outra questão muito atual e relevante é a sustentabilidade que as comunidades de artesão promovem. Borges (2011) explica que, o artesanato e as práticas artesanais estão historicamente ligados à utilização de matérias-primas locais, tanto naturais, como recicladas e reutilizadas, isso muito antes dos conceitos de sustentabilidade serem difundidos.

A sustentabilidade segundo a Barbosa (2008) “consiste em encontrar meios de produção, distribuição e consumo dos recursos existentes de forma mais coesiva, economicamente eficaz e ecologicamente viável”. Para se alcançar o desenvolvimento sustentável é preciso “atender as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades” (Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1991, p. 46) e a prática artesanal comumente ligada ao local e à comunidade pode se apropriar com facilidade desta premissa.

Manzini (2008) defende as comunidades criativas como formas de inovações sociais, capazes de mudar o modo de fazer e pensar atual, de gerar uma descontinuidade sistêmica, promovendo a sustentabilidade, tanto ambiental quanto social e econômica. As comunidades criativas possuem a capacidade de reorganizar elementos existentes e criar combinações para melhorar o modo de viver. Assim, elas desenvolvem sua criatividade, alterando a maneira tradicional de pensar e fazer as coisas, criando uma descontinuidade local e aplicando novas formas mais sustentáveis (Manzini, 2008; Meroni, 2007).

Na relação com o meio ambiente, pode-se dizer que os artesãos sempre estiveram conectados à natureza, pois grande parte da matéria-prima que é utilizada para confecção do artesanato são oriundos dela, como as fibras, sementes, madeira, argila, entre outros materiais naturais. Assim como a matéria-prima, a natureza também proporciona inspiração para criação de novos produtos, com suas formas orgânicas contidas na flora e fauna, tornando-se inspiração para criação de estruturas e ilustrações empregadas em seus projetos (Borges, 2011).

Esse contato com a natureza, é ainda nos dias atuais, valorizado por muitos artesãos, visto que muitas das técnicas artesanais são repassadas de geração em geração por meio do conhecimento popular, assim o contato com a natureza, ou seja, com os recursos naturais, está presente no dia a dia do artesão, despertando conseqüentemente uma maior consciência de preservação da natureza e de seus recursos.

Porém, não só recursos naturais são empregados na confecção do artesanato, mas também material reciclado e reutilizado passaram a fazer parte do rol de matérias-primas do artesanato. O reaproveitamento de materiais que seriam descartados, seja através da reutilização ou da reciclagem, traz outra dimensão para o trabalho artesanal, tanto que o PAB (Programa do Artesanato Brasileiro) especifica esse tipo de artesanato como contemporâneo-conceitual, caracterizado pela inovação dos materiais e processos, em que na maioria das vezes é utilizada matéria-prima manufaturada do tipo reciclada e reaproveitada (BRASIL, 2018).

Além da forte relação do artesão com a natureza, o artesanato também está ligado à sustentabilidade social, visto que grande parte do artesanato brasileiro é desenvolvido por grupos de pessoas de uma determinada comunidade, geralmente organizada em associações e/ou cooperativas. Manzini (2008, p. 64) destaca que as comunidades criativas podem ser definidas como “pessoas que, de forma colaborativa, inventam, aprimoram e

gerenciam soluções inovadoras para novos modos de vida”. Além disso, as comunidades criativas constituem-se de uma herança de saberes, ou seja, possuem conhecimentos que são passados de geração a geração que, segundo Jégou e Manzini (2008), podem ser um material valioso para a construção do futuro, capaz de construir uma economia do conhecimento.

Tanto Manzini (2008), Meroni (2007) como Krucken (2009) defendem a importância do uso de recursos locais para o desenvolvimento de produtos e serviços, como forma de agregar valor e descobrir um novo conceito de qualidade. Para eles, esse novo conceito de qualidade associa-se aos produtos, produtores, locais de produção e consumidores, e requer uma lentidão de tempo e modos como nos relacionamos com as pessoas, lugares e bens.

Ao mesmo tempo, que as comunidades criativas estão ligadas com o desenvolvimento de soluções para o local em que vivem, elas estão conectadas a redes de iniciativas semelhantes em lugares diferentes, isso permite a troca de informações e compartilhamento de experiências, o que torna os projetos e processos mais difundidos (Meroni, 2007).

Essa representação de uma identidade, que preserva a cultura de um povo, encontrada no artesanato e a sustentabilidade que ele carrega, desperta nos designers uma busca por conhecer e se relacionar com essa área, a fim de construir repertório e produtos que se diferenciam do que é produzido pela indústria. Há essa percepção cada vez maior da parte de designers com a origem dos materiais e com os processos envolvidos na produção de seus produtos, com a sustentabilidade e com o que o produto representa para o outro (Johann, 2010).

Para Manzini (Krucken, 2009), o design deve ser capaz de projetar formas alternativas que permitam uma interação equilibrada entre a dimensão local e a global, favorecendo os recursos e o potencial local de maneira sustentável, promovendo diálogos entre comunidades e redes locais com as redes globais.

Nos últimos anos, a relação entre design e artesanato vem crescendo cada vez mais, ocorrendo uma troca de conhecimento valioso para ambos os lados. O designer passa a atuar como um mediador, auxiliando no desenvolvimento e produção dos produtos artesanais, bem como na gestão e comercialização e em contrapartida, os artesãos ensinam o seu conhecimento prático, expandindo o repertório de criação do designer (Serafim, 2015).

4. Identidade e sustentabilidade no artesanato das Redeiras: um estudo de caso

O estudo de caso deste artigo destaca a Associação Redeiras do Extremo Sul, como exemplo de construção de um artesanato que se preocupa com a sustentabilidade ao desenvolver os seus produtos, criando uma identidade cultural atrelada ao local onde é criado, tendo a interação com designers para criação de suas peças.

A Associação de Artesãs Redeiras do Extremo Sul é uma associação que atua na colônia de pescadores São Pedro Z3, na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, às margens da Laguna dos Patos. Na colônia Z3, como é chamada, grande parte da população vive da pesca artesanal. O objetivo principal da associação é dignificar e promover a atividade do artesão enquanto ocupação e geradora de renda.

O grupo de artesãs Redeiras surgiu em 2004, com a promoção de oficinas oferecidas pela prefeitura e Emater-RS. Em 2008 o grupo de artesãs ingressou no Projeto “Artesanato do Mar de Dentro” do SEBRAE-RS, que teve o objetivo de fortalecer o artesanato regional e a criação de associações e cooperativas, buscando a sustentabilidade financeira e apoiando a criação, produção e comercialização de produtos diferenciados. Em 2009, após participarem de uma série de cursos e oficinas, entre elas, a oficina de criação de design de produtos, o grupo criou sua primeira coleção chamada “COLEÇÃO REDEIRAS”. Em 2017 o INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial), concedeu à Associação das Artesãs, o Registro da Marca “REDEIRAS” (Schiller, 2018; Waldeck, 2015).

A matéria-prima para a fabricação do artesanato desenvolvido pelas Redeiras vem principalmente da reutilização das redes de pesca do camarão e escamas de peixes. As redes para pesca do camarão utilizadas pelos pescadores, duram em torno de cinco a seis anos. Quando ela atinge um estado que não é mais vantajoso consertá-las, os pescadores a substituem por redes novas e descartam as velhas em fundos de galpões, na beira da praia, ou até mesmo as deixam no fundo da lagoa.

As Redeiras, então, utilizam estas redes descartadas, que não são mais utilizadas na pesca, para fabricar o seu artesanato. Elas recolhem as redes, fazem o processo de higienização, o processo de tornar a rede em fio, tecem o fio de rede, utilizando técnicas artesanais variadas e depois que a peça é tecida ela passa pelo processo de tingimento. Só então é feita a costura do forro na peça e esta recebe os acabamentos finais (Figura 5).

Figura 5 – Processo de fabricação da coleção Redeiras

Fonte: Acervo das Redeiras (adaptado pela autora)

Figura 6 – Processo de produção das biojóias

Fonte: Acervo das Redeiras (adaptado pela autora)

Além da coleção Redeiras, a associação também desenvolve outra coleção de produtos artesanais que são as biojóias, fabricadas com escamas de peixe (Figura 6). Assim como a reutilização das redes de camarão, as artesãs recolhem as escamas de peixes descartadas pelos pescadores. O processo de fabricação envolve a higienização das escamas, a separação por tamanho e espessura, bem como cortes para união com a prata (Figura 6).

Os produtos desenvolvidos pela associação (Figura 07), são comercializados em diferentes estados do país e também fora do país. Alguns de seus produtos já foram premiados em eventos importantes, como é o caso

da bolsa Lagoa dos Patos, que em 2012 recebeu o prêmio na categoria Objeto de Produção Coletiva, pela CASA Museu do objeto Brasileiro em São Paulo-SP. E em 2016 o artesanato das Redeiras recebeu o Prêmio Sebrae TOP 100 de artesanato (Schiller, 2018).

**Figura 7 – Alguns dos produtos desenvolvidos pela Redeiras
- Coleção de Biojóias e Coleção Redeiras**



Fonte: Acervo das Redeiras (adaptado pela autora)

O artesanato desenvolvido pela Associação das Redeiras do Extremo Sul carrega uma identidade muito forte que caracteriza o local e cultura onde é fabricado. Isso porque, este artesanato é fruto do trabalho dedicado de mulheres, que dentre as 10 integrantes do grupo, 9 são residentes da colônia Z3 e esposas de pescadores que se dedicam à pesca artesanal. Além disso, o material utilizado para o desenvolvimento do artesanato vem da própria atividade pesqueira, que são as escamas dos peixes e as redes de pesca do camarão.

Além da identidade local e cultural, elas também expressam uma identidade estética que define e distingue o artesanato que produzem. Essa identidade estética é fruto da colaboração com designers, que em parceria com as artesãs, conceberam produtos únicos, diferentes de todos os artesanatos existentes no país. Isso porque reutilizam a rede da pesca do camarão como principal matéria-prima, conhecida como rede de avião, assim como a escama do peixe chamado corvina, muito encontrado na laguna dos patos.

Segundo uma das integrantes do grupo, o trabalho com as designers para a criação de linhas de produtos foi fundamental para que o artesanato do grupo crescesse: “foi muito bom, muito bom, a gente pode dizer que o Sebrae e a Maria (pseudônimo para designer) foram um divisor de águas que a gente pensava para o artesanato”.

Essa interação com a designer no começo foi uma espécie de erra e acerta, pois muitas das ideias trazidas pela designer não eram possíveis de serem aplicadas no material que se tinha, assim o grupo e a designer foram criando juntas os produtos, adaptando as ideias para as limitações e técnicas que o material permitia ser trabalhado. Segundo uma das artesãs:

Quando a Maria (pseudônimo para Designer) chegou a gente nunca tinha trabalhado com ninguém assim, ficamos maravilhadas com ela, mas quando ela começou a mostrar e dizer eu quero isso para amanhã...rsrs... a gente se descabelava, porque ela queria ver peças prontas e era uma coisa que nunca tínhamos feito, nós erramos, e acertamos, erramos e acertamos depois que a gente foi vendo encaixar e que nem tudo ficava como era pensado no desenho (depoimento B).

Porque quando a Maria (pseudônimo para Designer) chegou ela tinha muito desenho lindo e ficamos maravilhadas, só que às vezes não se encaixava no fio, porque a escama não aceita cola, aí a gente começou a testar, testar, testar e a gente viu que... que não... não funcionava (depoimento B).

Segundo uma das integrantes do grupo Redeiras, cada artesã é responsável por uma parte do processo de confecção das peças. Uma higieniza as redes, outra costura, outra tece, outra é responsável pelo tingimento e outra pela finalização e controle de qualidade. Pode-se entender um processo artesanal com a divisão de tarefas característica da industrialização. São muitas mãos para confecção de uma única peça. Por isso, a identidade do produto está presente nas mãos de quem faz, pois o trabalho individual de cada artesã carrega saberes que foram adquiridos ao longo do tempo, que passam gerações conferindo valores culturais, sociais e estéticos para cada peça desenvolvida.

Assim, o processo de transformações que vai desde as redes em seu estado de descarte até a confecção de itens como bolsas, carteiras, pulseiras e colares é um processo de geração de novo significado, trazendo circularidade para o material e identidade para o artesanato por elas desenvolvido e para a comunidade.

O artesanato desenvolvido pelas Redeiras também incorpora princípios de sustentabilidade ambiental, social e econômica. Essa sustentabi-

lidade vem principalmente da reutilização das redes de pesca de camarão, garantindo que um material que seria descartado seja utilizado de forma circular, além de gerar emprego para quase 30 mulheres da colônia de pescadores. Segundo uma das integrantes:

A gente hoje dá trabalho para quase 30 mulheres dentro da colônia. Que são as que lavam e cortam as redes que a gente compra. A gente dá a rede suja, elas lavam, eu ensino a lavar, elas lavam, cortam o fio e a gente compra esse fio delas de volta (depoimento B).

Com isso, o artesanato gera renda não só para as integrantes do grupo, mas para a comunidade onde vivem, desenvolvendo o que Manzini (2008) e Meroni (2007) chamam de comunidade criativa, capaz de criar soluções para o desenvolvimento local.

É importante destacar que elas trabalham somente com redes de pesca de camarão de espera, “o nome da rede é avião (Figura 8), ela é uma rede de espera eu quero que frise bastante, a gente só trabalha com rede de espera, a gente não trabalha com nenhum tipo de rede de arrasto” (Depoimento B). Segundo elas, no começo as redes vinham da própria colônia, mas hoje elas já foram buscar redes em municípios vizinhos, como São José do Norte e Rio Grande. As redes utilizadas são redes que não servem mais para pesca, são redes descartadas, que ficavam em galpões ou no fundo da lagoa, além de redes que são apreendidas pela Patram (A Patrulha Ambiental da Brigada Militar).

Figura 8 – Rede de avião



Fonte: Acervo da autora

Essa sustentabilidade está entrelaçada à identidade cultural e estética que o artesanato das Redeiras carrega. Segundo as artesãs, hoje elas já são reconhecidas em todo o Brasil, e muitas pessoas compram os seus produtos pela história que ele conta, ou seja, a identidade local que representa. Em um dos depoimentos elas disseram:

Às vezes eu vou no banheiro e uma cliente olha e “à vocês estão aí”, já me conhece, “onde é que vocês estão”, aí eu digo tal corredor tal, “Então tá, depois passo lá”. Sim, a gente já é reconhecido, e são feiras de 1000, 2000, 3000 expositores, não é ferinha (Depoimento A).

Eu me lembro que uma vez eu fui numa feira, a senhora sentou do meu lado e eu contei pra ela tudo e ela disse assim: “Eu vou levar um brinco”, aí quando ela saiu na porta ela falou: “ah eu só vou levar o brinco, mas eu não tenho orelha furada”, aí que eu notei que ela não tinha furo algum, ela comprou minha história, isso eu aprendi bem longe, ela disse “eu comprei a tua história”. E aí eu aprendi mais uma lição do artesanato, porque a gente tem que se identificar para onde a gente for, eu sempre quando chega alguém aqui eu procuro mostrar da onde a gente é, e é muito bom, muito gratificante (Depoimento B).

Todo o artesanato carrega uma história e o artesanato das Redeiras não é diferente. Elas conseguiram com a ajuda de designers e entidades de fomento, como a Emater e SEBRAE, criar produtos que além de serem atrativo ao mercado gerando renda para o grupo de artesãs e para tantas outras mulheres da comunidade, criar uma identidade cultural, local e estética que alinhada com a sustentabilidade fazem com que seus produtos sejam reconhecidos por onde andam, seja em feiras ou “desfilando” com alguém que os adquiriu.

5. Considerações finais

O artesanato representa mais do que valores econômicos, ele carrega consigo valor cultural significativo, repleto de identidade, sendo essa identidade cultural e estética. Essa identidade muitas das vezes está entrelaçada com a sustentabilidade ambiental, social e econômica. Além disso, a interação e colaboração com designers permite que artesãos e artesãs aprimorem a qualidade de seus produtos, agregando assim mais valor ao artesanato em todos os aspectos, sejam econômicos, culturais ou estéticos.

O estudo de caso sobre as Redeiras revela que a participação da designer com as artesãs na elaboração de novos produtos resultou em aumento de vendas e valorização do artesanato produzido por elas. Além de contribuir para a criação de uma identidade estética original no território nacional, ao aproveitar as redes de pesca do camarão na fabricação de seus artigos.

Referências

- BARBOSA, G. S. O desafio do desenvolvimento sustentável. *Revista Visões*, ed. 4, n. 4, 2008.
- BORGES, Adélia. **Design + artesanato: o caminho brasileiro**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- BRASIL. **Portaria No 1.007-SEI, de 11 de junho de 2018**. Institui o Programa do Artesanato Brasileiro, cria a Comissão Nacional do Artesanato e dispõe sobre a base conceitual do artesanato brasileiro. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/34932949/do1-2018-08-01-portaria-n-1-007-sei-de-11-de-ju. Acesso em: 28 set. 2022.
- Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso futuro comum** (Relatório Brundtland). 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991.
- DE SÁ FERREIRA, Ângela Augusta. **Intervenção do Design no Artesanato: Aplicação aos Produtos do IMA**. 2007. Guimarães: Dissertação de Mestrado em Design e Marketing (Departamento de Engenharia Têxtil) na Universidade do Minho.
- FAVILLA, Clara; BARRETO, L.; REZENDE, R. **Artesanato Brasil**. Brasília: Sebrae, 2016, 65.
- FLETCHER, Kate; GROSE, Lynda. **Moda & sustentabilidade: design para mudança**. São Paulo: Senac, 2011.
- GÁTI, Andrea. **Arte e Artesanato na arquitetura de interiores moderna de Janete Costa**. Dissertação de mestrado em Desenvolvimento Urbano – Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2014.
- JOHANN, Diane Meri Weiller. **Design e artesanato: análise da gestão, materiais e técnicas utilizadas em grupos de artesãos no Rio Grande do Sul**. 2010. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação de Design. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre - RS
- KRUCKEN, Lia. **Design e território: valorização de identidades e produtos locais**. São Paulo: Studio Nobel, 2009.
- KUBRUSLY, Maria Emilia; IMBROISI, Renato. **Desenho de fibra: artesanato têxtil no Brasil**. Senac Editoras, 2011.
- LEMES, Bianca Xavier. **O “saber-fazer” do crochê: valores do artífice e do patrimônio imaterial**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura. – 2017. 134f. : il.
- MANZINI, Ezio; **Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais / Ezio Manzini; [coordenação de tradução Carla Cipolla; equipe Elisa Spampinato, Aline Lys Silva]**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008. (Cadernos do Grupo de Altos Estudos; v.1).
- MERONI, Anna. **Creative communities: People inventing sustainable ways of living**. Milano: Edizioni POLI.Design, 2007.
- OLIVEIRA, Letícia de Cássia Costa de. **Garimpo Artes Artesanais RS: saberes & fazeres [recurso eletrônico]** – Porto Alegre: [s. ed.], 2015.
- PAZ, Octavio. **Convergências: ensaios sobre arte e literatura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- SCHILLER, Rosani Raffi. **Redeiras: artesanato da Costa Doce**. Revista: Pelotas imaterial: Saberes, fazeres e ofícios. 2018. Disponível em: <https://redeiras.com.br/public/dia-do-patrimonio.pdf>. Acesso em: 28 set. 2022.
- SERAFIM, Elisa Feltran. **Design e artesanato: análise de modelos de atuação de design junto a grupos de produção artesanal**. 151 f. 2015. PhD Thesis. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação de Design. Universidade Federal de Pernambuco. Recife-PE.
- WALDECK, Guacira. **Redes em invenção / pesquisa e texto de Guacira Waldeck**. Catálogo etnográfico lançado por ocasião da exposição realizada no período de 17 de dezembro de 2015 a 31 de janeiro de 2016. -- Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2015. 40p. Disponível em: https://redeiras.com.br/public/cat_sap184.pdf. Acesso em: 28 set. 2022.

Como citar este capítulo (ABNT)

TUCHTENHAGEN, C. R.. JACQUES J. J.. Artesanato: Identidade e sustentabilidade *In*: OLIVEIRA, G.G. de; NÚÑEZ, G.J.Z.; PASSOS, J. E.; **Design em Pesquisa – Volume 6**. Porto Alegre: Marcavizual, 2024. p. 159-173. E-book. Disponível em <http://www.ufrgs.br/iicd/publicacoes/livros>. Acesso em 30 de outubro de 2024.

Como citar este capítulo (Chicago)

TUCHTENHAGEN, C. R.. JACQUES, J. J. de.. Artesanato: Identidade e sustentabilidade. *In*: Design em Pesquisa – Volume 6 edited by Geísa Gaiger de Oliveira, Gustavo Javier Zani Núñez, Jaire Ederson Passos, 159-173. Porto Alegre: Marcavizual. 2024. <http://www.ufrgs.br/iicd/publicacoes/livros>.